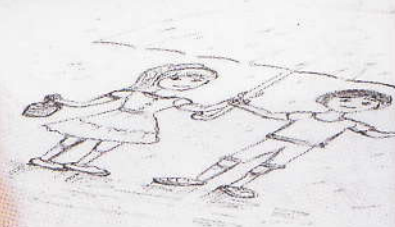


# O desenho infantil

Forma de expressão cognitiva,  
criativa e emocional

Solange Muglia Wechsler  
Tatiana de Cassia Nakano  
(ORGANIZADORAS)



 Casa do  
Psicólogo®

© 2012 Casapsi Livraria e Editora Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,  
sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição: 2012

**Diretor Geral:** Ingo Bernd Güntert

**Editora-chefe:** Juliana de Villemor A. Güntert

**Gerente Editorial:** Marcio Coelho

**Coordenadores Editorial:** Fabio Alves Melo e Luciana Vaz Cameira

**Assistente Editorial:** Maria Fernanda Moraes

**Produção Editorial:** Casa de Ideias

**Revisão:** Anselmo de Vasconcelos

**Capa:** Casa de Ideias

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O desenho infantil: forma de expressão cognitiva,  
criativa e emocional / Solange Muglia Wechsler, Tatiana  
de Cássia Nakano (organizadoras). - São Paulo: Casa do  
Psicólogo, 2012.

ISBN 978-85-8040-088-5

1. Desenho infantil 2. Emoção 3. Cognição. 4. Criatividade.  
I. Wechsler, Solange Muglia II. Nakano, Tatiana de Cássia

12-0042

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Desenho infantil - aspectos psicológicos 153.93
2. Desenho infantil - testes psicológicos 153.93

**Impresso no Brasil**

*Printed in Brazil*

*As opiniões expressas neste livro, bem como seu conteúdo, são de responsabilidade de seus  
autores, não necessariamente correspondendo ao ponto de vista da editora.*

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



**Casapsi Livraria e Editora Ltda.**

Rua Simão Álvares, 1020  
Pinheiros • CEP 05417-020  
São Paulo/SP - Brasil  
Tel. Fax: (11) 3034-3600  
[www.casadopsicologo.com.br](http://www.casadopsicologo.com.br)

## *Os desenhos de Catarina: iluminando a compreensão psicanalítica sobre o brincar*

TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG • FABIANA FOLLADOR E AMBROSIO

---

Sendo psicólogas e psicanalistas, nossa atenção clínica volta-se ao cuidado de indivíduos e coletivos e concretiza-se sob a forma de tratamento psicoterapêutico ou da proposição de intervenções de cunho psicoprofilático. Partimos da assunção que a psicanálise alcança inumeráveis possibilidades de concretização, vale dizer, estende-se para fora do território dos consultórios particulares, quando compreendida primordialmente como método de investigação, tal como foi inicialmente apresentada por Freud.

As contribuições freudianas apontam para um estreito elo entre as diversas formas de sofrimento psíquico e a elaboração das vivências infantis, o que, além de compor uma impressionante teorização psicopatológica, lançou luz sobre a importância das experiências humanas que acontecem enquanto crianças.

O reconhecimento tanto da possibilidade de existência de sofrimento emocional em tenra idade, quanto da importância da infância na construção das bases da saúde mental, justificou a proposição de intervenções que alcançassem o público infantil. Surgia um impasse: como estender a técnica psicanalítica para adultos, fundamentada na associação livre e dependendo

essencialmente da comunicação verbal, tendo em vista o acesso aos conteúdos inconscientes das crianças?

## CRIANÇAS BRINCANDO E A PSICOTERAPIA

Os avanços da pesquisa psicanalítica alertaram-nos para o uso de um tipo de expressão, absolutamente natural às crianças, para comunicarem tanto suas dificuldades, quanto questões relacionadas às condições inerentes ao amadurecimento, como o conhecimento do mundo, o relacionamento com as outras pessoas, o processo natural que acompanha a vida sendo vivida: a brincadeira.

Desde os primórdios da profissão, psicólogos e psicanalistas são chamados a cuidar de crianças, a partir da observação de alterações em seus comportamentos. A partir da verificação de que o brincar, fenômeno complexo e universal no mundo infantil, opera como forma de comunicação do sofrimento emocional, sua inclusão na psicoterapia infantil revelou-se ferramenta extremamente produtiva, permitindo ao psicólogo compreender os sentimentos vivenciados pelas crianças e auxiliá-las.

Entretanto, percebemos que a importância de sua manifestação abarca outras funções, encontrando-se muito além da expressão de sintomas psicológicos: o brincar das crianças também auxilia na elaboração das experiências cotidianas. Acontecimentos de diversas naturezas podem ser encenados pelas brincadeiras: as visitas ao pediatra, o primeiro dia na escola, a chegada de um irmão, a separação dos pais. Saúde e doença aparecem no brincar.

Notadamente próximas ao âmbito afetivo-emocional da dramática humana, interessamo-nos tanto por manifestações criativas, pessoais ou coletivas, quanto por manifestações oriundas de vivências de sofrimento emocional. Mesmo compreendendo que a concepção de adoecimento necessariamente conjuga-se com as crenças e hipóteses científicas acerca da saúde, notamos que o interesse na enfermidade parece predominar:

A sanidade (...) nunca teve realmente um vocabulário, nunca fez um nome para si. Ela claramente existe, mas não sabemos onde

procurá-la. (...) A loucura é demasiadamente visível. (Phillips, 2008, p. 30)

Julgamos importante a atenção de pesquisadores e profissionais da área *psi* ao estudo da etiologia e das formas do adoecimento psicológico, bem como concordamos com procedimentos não objetivantes que visam ao conhecimento sobre a problemática comunicada por indivíduos e coletivos. Entretanto, parece-nos que a ênfase na observação e investigação acerca do adoecimento pode estar dotada da falta de um questionamento relacionado à conceituação sobre a saúde. Nesse panorama, muito mais frequentemente deparamo-nos com estudos sobre as psicopatologias do que definições sobre as origens da saúde emocional.

Entendemos que refletir acerca do sentido positivo da saúde constitui elemento fundamental, tanto para a compreensão do natural processo de amadurecimento emocional, quanto na proposição de intervenções psicoterapêuticas. Sendo a saúde um estado mais complexo do que a ausência de doenças, quais elementos podem ser usados para defini-la?

Para um médico é bem mais fácil, e também mais comum, escrever sobre a doença. Através do estudo da doença, chega-se ao conhecimento de muitas coisas importantes a respeito da saúde. Mas a noção médica de que a saúde é uma relativa ausência de doenças não é suficientemente boa. A palavra saúde possui seu próprio significado positivo, fazendo com que a ausência de doenças não seja mais que o ponto de partida para uma vida saudável. (Winnicott, 1988, p. 21)

Tendo em Winnicott, pediatra e psicanalista, um importante interlocutor, concordamos com sua proposição que relaciona a saúde emocional a uma condição própria, a uma vivência pessoal de realidade, a um *sentir-se sendo si mesmo* (Winnicott, 1967). Tal estado é postulado como uma aquisição emocional, uma capacidade que depende inerentemente do fornecimento, a todos os seres humanos, de provisão de suas necessidades, tarefa a ser realizada pelo meio ambiente cuidador: mães, pais, famílias, comunidade etc.

Sendo uma aquisição emocional, e não uma qualidade ativada automaticamente, em determinado período do desenvolvimento, a saúde emocional, deste ponto de vista, é compreendida como uma conquista pessoal, que depende da íntima e permanente inter-relação entre o indivíduo e o meio em que vive.

Neste cenário, cabe ao ambiente humano acolher o novo indivíduo, reconhecendo-o como singularidade e apresentando o mundo em doses suficientemente boas (Winnicott, 1964a) para que lhe seja possível criar o mundo que lá está para ser encontrado (Winnicott, 1971).

Notamos que essa concepção antropológica parte do pressuposto da existência de um conjunto formado por ambiente e indivíduo, não havendo, dessa forma, nenhuma possibilidade de compreensão do amadurecimento emocional humano partindo exclusivamente da consideração de capacidades ou dificuldades individuais. Em outras palavras, poderíamos dizer que não há possibilidade de apreendermos um ser humano apartado de seu contexto ambiental (Winnicott, 1945). Além disso, o conjunto ambiente-indivíduo é composto por elementos muito diferentes no que tange ao seu estatuto existencial<sup>4</sup>: temos, por um lado, um bebê, indiferenciado do ambiente, vivendo um estado de continuidade de ser, não conseguindo, portanto, sentir-se uma pessoa desde seu ponto de vista. Concomitante a isso, há o ambiente humano, formado por pessoas amadurecidas o suficiente para conseguirem reconhecer a singularidade deste bebê, satisfazendo suas necessidades primárias.

É somente a partir da realização dessas tarefas ambientais que o bebê, primeiramente vivendo um estado de dependência absoluta dos cuidados do ambiente, não conseguindo, assim, perceber o mundo que o cerca como distinto de si mesmo, poderá, gradual e continuamente, *criar o mundo* que lhe é apresentado. É somente a partir da *experiência criadora do mundo compartilhado* que todos os elementos da externalidade terão significado emocional.

---

<sup>4</sup> Em termos winnicottianos uma "dicotomia fundamental" (Winnicott, 1968, p. 84).

## A CRIATIVIDADE E O BRINCAR

Winnicott relaciona a capacidade criadora ao viver e, portanto, à saúde. Afirma que a criatividade é indicativa da sensação de existência, inter-relacionando, dessa forma, o conceito de criatividade à sua definição sobre o viver verdadeiro:

Nesse panorama, compreendemos a experiência criadora não como um talento que premia alguns indivíduos, muito menos uma aptidão a ser desenvolvida. *Criar o que está lá para ser encontrado*, possível graças ao cuidado ambiental, relaciona-se a um estado de “loucura sã” (Phillips, 2008), momento em que nos é permitido criar o mundo, como deuses. Esse estado, segundo Winnicott, fornece a possibilidade para o amadurecimento emocional, para a conquista da ética e da vida em um mundo compartilhado, formado por pessoas e objetos que têm suas existências totalmente independentes de nossas vontades:

A partir desta *experiência de onipotência inicial* o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo de chegar, um dia, ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe (...). Não é a partir da sensação de *ser Deus* que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana? (Winnicott, 1968, p. 90)

Percebemos que o autor compreende a vida saudável intrinsecamente relacionada à capacidade criadora – uma experiência onipotente, portanto, que acontece num espaço formado por outros dois mundos: o subjetivo e o compartilhado. Desvincula, dessa forma, a vivência de criar o mundo da realização de atos criativos, estes não necessariamente relacionados à saúde.

Estas experiências, sagradas para os indivíduos – crianças ou adultos –, têm seu lugar numa área especial, paradoxal por excelência, mundo onde

a vida acontece. A partir da formulação do conceito de *objeto transicional* (Winnicott, 1951), relaciona as experiências criadoras ao Brincar<sup>5</sup>: “A criança adquire experiência brincando. (...) A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência.” (Winnicott, 1964b, p. 163)

Deste ponto de vista, o Brincar é próprio da saúde e deveria, em situações satisfatórias, perdurar por toda a vida, sendo as experiências artísticas e religiosas, exemplos do Brincar para os adultos.

As experiências na área transicional permitem a integração ao self daquilo que foi vivenciado, constituindo e fortalecendo a *sensação de ser si-mesmo*. Como podemos notar, neste panorama, o Brincar tem uma função terapêutica *em si*, na medida em que “cura” o indivíduo do sofrimento emocional que é a dissociação.

Para muito além de um propósito diagnóstico e/ou comunicador, a experiência do Brincar contém a essência do que, para Winnicott, seria o cuidado psicoterapêutico: ao apresentar seu entendimento sobre o ofício do psicanalista, relaciona-o com a facilitação da capacidade de Brincar do paciente<sup>6</sup>. Segundo essa perspectiva, o Brincar encontra-se na ponta saudável de uma escala no que tange ao amadurecimento emocional:

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o *self*. (Winnicott, 1971, p. 80)

## CATARINA E SEUS DESENHOS

Neste texto, escolhemos apresentar uma brincadeira infantil, dois desenhos, feitos espontaneamente por uma garotinha, que se encontrava acompanhando a segunda gestação de sua mãe, já em fase adiantada. A menina,

<sup>5</sup> As autoras optaram por grafar em letras maiúsculas a palavra Brincar, quando faz menção especificamente ao conceito teórico winnicottiano.

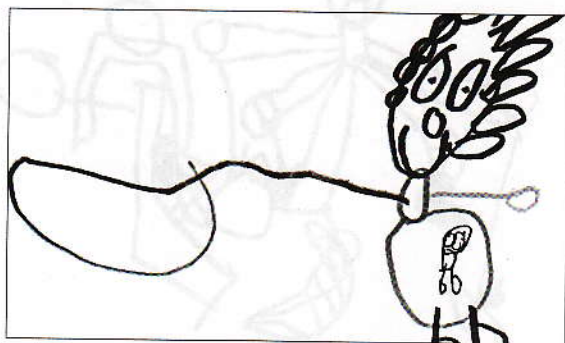
<sup>6</sup> “... algo precisa ser feito para ajudá-lo [paciente] a tornar-se capaz de brincar.” (Winnicott, 1971, p. 80)



aqui chamada por Catarina, encontrava-se com a idade de três anos, morava com seus pais, frequentava a escola, brincava com seus amigos, não tendo nenhum tipo de queixa que demandasse auxílio psicológico.

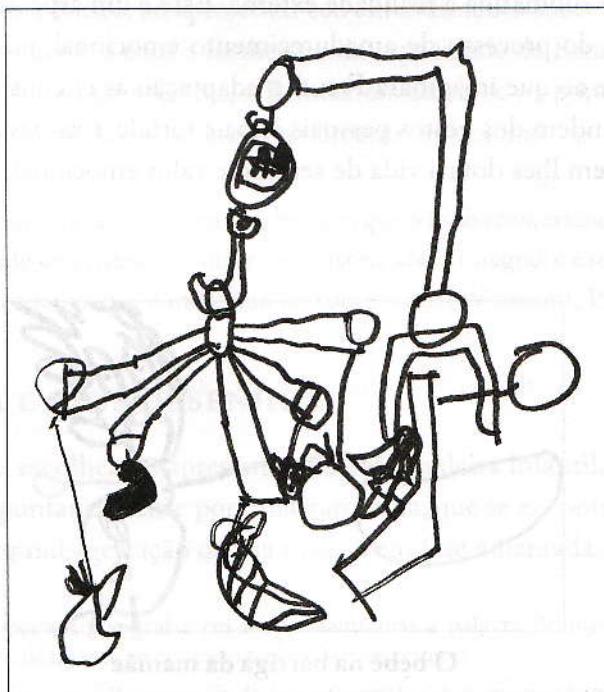
Em um momento de descontração, na companhia familiar, Catarina realiza um desenho, onde está claramente figurada a gestação de sua mãe – e o que parece ser a situação que enfrenta: a existência de um bebê que não é ela própria, nem por ela foi criado. Há um bebê na barriga de sua mãe, fora de suas possibilidades “onipotentes” de criadora de bebês!

Compreendemos que, ao desenhar a situação, Catarina coloca-se em outra posição, criando o bebê que está no útero de sua mãe para ser encontrado. Na brincadeira vivencia a si mesma, de modo paradoxalmente realista como a criadora onipotente do bebê desenhado que, transicionalmente falando, “é e não é” aquele que habita o útero materno. Pode-se compreender, psicanaliticamente, que esta experiência é fundamental, na medida em que lhe permite aceitar criativamente a nova situação de vida, sem se ver meramente submetida à realidade externa. Este é um aspecto fundamental em termos do processo de amadurecimento emocional, pois, muito contrariamente ao que imaginara Freud, a adaptação às circunstâncias de vida que independem dos gestos pessoais jamais fortalece as pessoas psicologicamente, nem lhes dota a vida de sentido e valor emocional.



O bebê na barriga da mamãe

O segundo desenho de Catarina consiste num móbile a ser colocado sobre o berço do irmão. Trata-se de um objeto colorido e móvel, artisticamente inventado por Calder e culturalmente definido como apropriado para bebês pequenos, na medida em que é colorido, movimentado e, neste caso, é musical. O modelo desenhado consiste em cópia de objeto existente na casa de Catarina, que ficou, durante certo tempo, sobre seu berço. Consiste numa coleção de frutas coloridas que giram ao redor de uma haste. Curiosamente, ainda que a cópia seja suficientemente boa para permitir o imediato reconhecimento do modelo, a menina desenha de forma a deixar claramente insinuado um traçado que lembra uma figura humana, com cabeça, tronco e membros. A nosso ver, esta composição corresponde a uma interessante elaboração imaginativa que a prepara para conviver com o “irmão fora da barriga da mamãe”, bebê vivo, que se movimentará, que fará barulho, que enxergará, que ocupará um lugar no espaço – primariamente seu próprio berço.



O móbile

Desenhar este móbile corresponde a um Brincar criador, que a retira de um posicionamento passivo e adaptado ou do seu contrário, que seria o da revolta e da não aceitação, neste caso impotente, da mudança. O móbile pode, assim, ser transicionalmente usado na travessia de uma condição de filha única para outra, de “irmã maior”, o que descortina a possibilidade de enriquecimento do seu mundo na medida em que uma gama de múltiplas experiências, de todos os matizes afetivo-emocionais, pode se abrir a partir da transformação que o nascimento de uma criança traz consigo.

Finalizamos lembrando que, na perspectiva winnicottiana, desenhar é um dos modos pelos quais o Brincar pode se concretizar. Trata-se, portanto, de manifestação essencialmente saudável, que pode, por este motivo, mostrar-se relevante tanto na produção de conhecimento da pesquisa, como na qualidade de recurso na prática clínica. Prestam-se, assim, a serem abordados a partir de referenciais clínicos variados, no contexto da atenção psicológica em vertentes terapêuticas ou psicoprofiláticas. Analogamente, podem ser usados em pesquisas que se configuram a partir de diferentes posicionamentos epistemológicos, segundo diversas estratégias metodológicas. Entretanto, todas estas possibilidades são válidas, mesmo que suscitem debates epistemológicos importantes, porque o desenhar é, pelo menos na nossa cultura, atividade infantil espontânea.

## REFERÊNCIAS

- Phillips, A. (2008). *Louco para ser normal* (Maria Luiza X. de A. Borges, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 156p.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. (Jane Russo, trad.). (pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (Jane Russo, trad.). (pp. 389-408). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- Winnicott, D. W. (1964a). O mundo em pequenas doses. In D. W. Winnicott, *A criança e seu mundo* (Álvaro Cabral, trad.). (6ª edição, pp.76-82). Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- Winnicott, D. W. (1964b). Por que as crianças brincam? In D. W. Winnicott, *A criança e seu mundo* (Álvaro Cabral, trad.). (6ª edição, pp.161-165). Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- Winnicott, D. W. (1967). Vivendo de modo criativo. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (Paulo Sandlez, trad.). (3ª edição, pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1968). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (Jefferson Luiz Camargo, trad.). (2ª edição, pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1971). O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (*self*). In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre, trad.). (pp. 79-93). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Winnicott, D. W. (1988). Introdução. In D. W. Winnicott, *Natureza humana* (Davi LitmanBogomoletz, trad.). (pp. 21-22). Rio de Janeiro: Imago, 1988.